

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: CONSTRUINDO COTIDIANOS

É com imensa satisfação que a PARALELLUS apresenta seu mais novo número: **Religiões afro-brasileiras: construindo cotidianos**, desejando transpor mais uma etapa de sua trajetória, tendo como objetivo consolidar sua atuação no cenário acadêmico pernambucano como difusora dos estudos sobre o fenômeno religioso brasileiro mediante a ação de seus intérpretes, cientistas da religião, historiadores, sociólogos, psicólogos, antropólogos entre outros. Esse número é composto por oito artigos sendo cinco envolvendo o “Dossiê” propriamente dito, isto é, a construção do cotidiano pelas religiões afro-brasileiras e três correspondendo à seção “Temática Livre”.

Os caminhos pelos quais as religiões afro-brasileiras e seus respectivos integrantes percorreram, ao longo dos séculos, foram de enormes percalços. Concebidas como religiões de feitiçaria, associadas ao demônio, primitivas, entre outros termos depreciativos, elas foram vítimas das perseguições da Igreja católica e de sua comunidade, das ações repressivas do aparato governamental e de uma parcela considerável dos estudiosos da época, preocupados com uma possível influência que elas e seus representantes poderiam ter na formação da identidade nacional, pois o que marcava significativamente o país naquele momento era o seu “festival de cores”, como ressalta Lilia Moritz Schwarcz, em sua obra “O espetáculo das raças” (2008).

O país era visto como “incapaz” de se ajustar às exigências contemporâneas que “batiam” a sua porta: o progresso. Sob essa concepção, projetos políticos são postos em prática, tendo como sustentáculo as ideias evolucionistas, já em declínio na Europa, e eugenistas. Observa-se, portanto, a presença de alguns dos referenciais teóricos e metodológicos usados pelos nossos cientistas para a análise das religiões afro-brasileiras naquele momento. Mas será que essas depreciações em torno da religiosidade afro-brasileira e de seus representantes não teriam raízes muito mais anteriores ao período dito “moderno”?

Essa resposta pode ser encontrada no artigo “Total ausência de luz resulta na cor preta: uma reflexão na construção dos agentes históricos na sistematização do imaginário dos mitos fundadores da religião de matriz africana no Brasil” de Cláudia Maria de Assis Rocha Lima. Embasada nos escritos de John Hick, Marilena Chauí, José Ramos Tinhorão entre outros, ela explica como surgiu e se difundiu a estereotipação do africano na Europa, e, posteriormente, do negro, no Brasil, refletindo, em nossos dias, nas religiões de matriz africana.

Comercializados e transportados para o Brasil, os negros, na impossibilidade de reviver em toda a sua completude a religiosidade experienciada no continente africano, reestruturam e ressignificam sua religião, como poderá ser observado na leitura de “Equivalências Místicas”, “Princípio de Corte” e “Discurso Colonial”: ensaio de interpretação sobre a reestruturação das religiões africanas, no Brasil, pela ótica de Roger Bastide e Homi Bhabha” de Luiz Claudio Barroca da Silva. Nesse artigo, apresenta-se uma discussão a respeito do processo de associação entre orixás e santos católicos no Brasil, embasada em Roger Bastide, figura ímpar no que diz respeito aos estudos das religiões afro-brasileiras, até os nossos dias, e Homi Bhabha, um dos intérpretes pós-moderno dos contatos culturais.

Mas não somente as religiões de matriz africana foram alvo de reestruturações e ressignificações. Em “A trajetória da figura do rei do Congo” Raimundo Lázaro da Cruz descreve, desde a África, passando por Portugal até aportar no Brasil, o que foi o rei do Congo e quais foram às razões pelas quais essa comitiva real sofreu ressignificações por onde passou.

Devido a essa dinamicidade que envolve a atuação de sujeitos históricos, a religião, produto dos mesmos, se torna dinâmica e marca presença também no cenário político e social contemporâneo para não perecer. Do Pará, Daniela Cordovil traz um exemplo dessa atuação apresentando o artigo “Religiões de Matriz Africana no Pará: entre a política e o ritual”, discorrendo sobre a trajetória histórica dessas religiões e, conseqüentemente, as ações desenvolvidas pelos seus representantes no âmbito político e social para o reconhecimento e respeito a elas.

Na esteira da dinâmica religiosa, novas possibilidades de interpretação sobre os mitos dos orixás do panteão afro-brasileiro surgem por meio de várias metodologias e diversos referenciais teóricos. Um exemplo é o artigo “Polissemia teatral: os mitos de Xangô na perspectiva da Antropologia do Imaginário” de Wallace

Ferreira de Souza. Embasando seus argumentos em Gilbert Durand e na Antropologia do Imaginário, ele realiza um exercício de interpretação e classificação do orixá Xangô por meio de seus mitos africanos.

Abrindo a seção “Temática Livre” encontra-se José Roberto de Araújo Aguiar e seu artigo “O servo sofredor: a nova imagem do pobre em Jon Sobrino”. Nesse texto ele apresenta subsídios para uma nova hermenêutica do pobre, interpretando-o não mais sob uma categoria sociológica, mas sacramental. Em seguida, Siéllysson Francisco da Silva, no artigo “As fontes e as práticas religiosas da Irmandade do Rosário dos Pretos em Areia – PB”, discutirá possíveis formas de segregação étnica na Irmandade do Rosário dos Pretos, tendo como suporte para suas considerações os Livros de Atas, as Ordens de Compromisso, escritos de cronistas entre outros. Fechando esse número Wellcherline Miranda Lima traz à tona uma discussão atualíssima, a questão do Ensino Religioso em escolas públicas e a laicidade do Estado no artigo “Laicidade e Ensino Religioso: perspectiva para a educação pública”.

Espero que apreciem a leitura e até breve.

Luiz Claudio Barroca da Silva,
Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP.